



O RIO E OS MUSEUS: PERCUSOS PARA DESVENDAR CIDADES MARAVILHOSAS

OLIVEIRA, Renata de Almeida
*Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social
(PPGMS/UNIRIO)*
cultura.renata@gmail.com

ABREU, Regina
Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO)
abreuregin@gmail.com

66

RESUMO

O Rio de Janeiro é uma cidade de múltiplas faces. Percorrendo suas ruas é possível perceber mistos de identidades que podem ser vistas somente com olhares profundos, que, buscam em detalhes, conhecer, compreender e analisar a cidade. Este artigo tem o objetivo de apresentar uma experiência no projeto “Museus do Rio”. O projeto vivencia a experiência de percursos de museus realizados em algumas cidades do Rio de Janeiro. Nestes percursos, pudemos encontrar narradores e guardiões de memórias e histórias locais que fazem parte da própria história da cidade.

Palavras-chave: Museus, Patrimônio Cultural, Cidades.

ABSTRACT

The Rio de Janeiro is a city of many faces. Walking through its streets you can see mixed identities that can be seen only with “deep eyes”, that look in detail, know, understand and analyze the city. This article aims to present an experience in the project "Museums in Rio." The project shows the experience of “museums pathways” performed in some cities of Rio de Janeiro. In these pathways, there are storytellers and keepers of memories and local stories that are part of the history of the city.

Key-words: Museums, Cultural Heritage, Cities.

INTRODUÇÃO

Este artigo inicia seu percurso com a aprovação de um projeto pela FAPERJ e desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) em parceria com o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) denominado “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro”.

A idéia inicial do projeto partiu de uma consulta ao Cadastro Nacional de Museus desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus, onde constatamos que há no



estado do Rio de Janeiro mais de 200 museus. A capital abriga quase 50% do total dessas Instituições e as demais se distribuem entre cerca de 40 municípios.

O objetivo é fazer a difusão desta pesquisa através de três instrumentos específicos: um guia analítico; um site contendo todo o material adquirido e estará articulado ao site do Sistema Brasileiro de Museus e uma coletânea de DVDs. Dessa forma foi necessário decidir uma metodologia a ser seguida para a realização do projeto. Foi assim que iniciamos uma “etnografia dos percursos” pelo estado “*onde vivenciamos a experiência do viajante que percorre uma região, buscando exercitar um olhar que estranha, que inquire, que indaga, que procura novos ângulos, novas perspectivas, novas faces de paisagens já vistas e consagradas*”. (ABREU, mimeo). A etnografia é a pesquisa, no sentido de que é a partir do campo, dos agenciamentos que o campo proporciona que o trabalho vai tomar corpo.

Os agenciamentos são datados, transitórios e sempre em relação com um limiar que, atingido, promove uma virada, uma mudança. Deleuze (1977:84) escreve que a única unidade do agenciamento é o “co-funcionamento”, que ele também chama de “simpatia”. Na linguagem e na vida estamos sempre nesse regime de conexão, de falar “com”, agir “com”, escrever “com”. A *simpatia* para Deleuze (1977:66) é essa composição de corpos (físicos, psíquicos, sociais, verbais etc.), essa “penetração de corpos”, essa afecção nos agenciamentos, e não “um vago sentimento de estima”. Pode envolver amor ou ódio, ela é o modo de conexão nos agenciamentos, o “co-funcionamento”. (CAIAFA, 2007, 152)

Consideramos a divisão do Rio pelas suas oito regiões econômicas – Metropolitana, Costa Verde, Costa do Sol, Médio Paraíba, Serrana, Centro-sul Fluminense, Norte Fluminense e Noroeste Fluminense – e, em cada uma dessas regiões, descobrimos identidades diferentes; em cada identidade, uma história; em cada história, uma memória. E assim criamos alguns percursos, filmando, fotografando, observando, “flanando” e descobrindo personagens, que podem ser pessoas, ruas, estradas e, sobretudo, museus, nossos personagens principais, grandes narradores das cidades. Segundo Caiafa (2007:135), “*A etnografia é ao mesmo tempo um tipo de investigação e um gênero de escritura que se desenvolveu na tradição antropológica. Mas ela surge de fato com outras tradições e experiências, sobretudo os relatos de viagem*”.

Esses museus a serem pesquisados nesse projeto, se inserem em múltiplas relações em espaços e tempos diferentes, fazendo parte da própria história da região. São



múltiplas as possibilidades de análise, foco e sentidos a serem atribuídos a essas instituições, que não estão congeladas em blocos de concreto, e, são na verdade, estruturas dinâmicas, tornando-se *“signos de múltiplas narrativas sobre si mesmos e sobre o espaço onde se inserem”*. (ABREU, mimeo)

ENCONTROS NA CIDADE

A idéia deste trabalho não é descobrir um informante em cada museu, perguntar as mesmas perguntas, buscar cenários parecidos, seguir caminhos que criem uma unidade, mas sim, descobrir narradores, moradores da região, funcionários dos museus que muitas vezes são moradores, que muitas vezes são pessoas que criam os museus na esfera privada objetivando preservar a memória local. São verdadeiros guardiões da memória. Deste modo

na pesquisa etnográfica, a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Trata-se de um problema muito fértil e que coloca outros também interessantes, como o da relação que o observador-participante estabelecerá com as pessoas que encontra no campo. Estes são chamados “informantes” na tradição antropológica – um tanto inadequadamente, já que tal expressão, ao mesmo tempo que traz uma ressonância policial, dá a entender que aquilo que o etnógrafo coleta é apenas informação. (CAIAFA, 2007,137)

As relações estabelecidas no campo entre o observador-participante e o narrador, então, é diferente da relação com o informante. Neste caso, o intuito não é de simplesmente coletar informações, e sim, intercambiar experiências, afinal, *“a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”* (BENJAMIN, 1993, 198)

A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é mediada pela experiência



pessoal do narrador. Para Benjamin, os grandes modelos de narradores eram o velho artesão que conhecia as tradições de sua aldeia, e o marinheiro, que narrava suas experiências, adquiridas em viagens. (GONÇALVES, 2009, 172)

Deste modo, podemos considerar o velho artesão os narradores que encontramos no caminho, e nós, etnógrafos, o marinheiro, que narra as experiências adquiridas nas viagens. Em muitos museus encontramos a imagem do velho artesão Benjaminiano, pessoas que conhecem a história da cidade profundamente e transformam essa história em suas memórias pessoais, pois fizeram parte da construção da identidade local, ou de alguma forma, consideram importante preservar essas memórias.

Nesses percursos, encontramos os mais diversos narradores, cada um com suas características. No percurso de Cabo Frio (Costa do Sol), visitamos desde o Museu de Arte de Sacra e Religiosa que funciona dentro de um antigo convento de frades franciscanos, onde a narradora se preocupa com dados específicos da história nacional e oficial até o Museu do Surf, que surgiu a partir de um “apaixonado” por surf que transformou uma coleção de particular em um museu privado que conta hoje com uma coleção de cerca de 400 pranchas de diversas épocas de vários campeonatos que ocorreram ao longo dos tempos no mundo, revistas, troféus, camisetas que pertenceram a campeões entre outros objetos que contam a história do surf. Ainda em Cabo Frio, encontramos um ambientalista narrador da cidade que, em discurso, demonstra toda sua paixão pela natureza e preocupação em preservá-la.

Tem coisa melhor que estar na cidade, na praia e na natureza? Cabo Frio tem. É só questão de explorar a natureza de uma forma legal, sem agressão e fazer uma fusão do lado ambiental, da natureza que nós temos com a cultura que nós temos e com a parte barroca, clássica. (...) Crescer com inteligência e não esquecer o patrimônio natural, cultural e histórico que nós temos. (Ernesto Galloto, Cabo Frio, 04/04/2009)

Encontramos narradores que fazem parte da própria história da cidade, como um senhor que fez de uma grande coleção de conchas um “Museu das Conchas” em Mangaratiba (Costa Verde) ou outro que sempre teve interesse em adquirir o prédio onde hoje funciona o Solar dos Mellos em Macaé, mas a proprietária não queria vendê-lo, mas, em um momento em que esteve Prefeito da cidade conseguiu comprá-lo e transformá-lo neste museu que conta um pouco a história da cidade.



Deste modo, colecionamos museus e, encontramos múltiplas vozes e múltiplas possibilidades em um estado que nos mostra a cada ida a campo suas múltiplas identidades nos agenciamentos proporcionados pelo campo¹.

RIO DE JANEIRO: UM “ESTADO” DE PLURALIDADES

(...) se o flâneur se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista. (Benjamin, 1989)

O Rio de Janeiro é uma cidade de múltiplas faces. Percorrendo suas ruas é possível perceber mistos de identidades que podem ser vistas somente com olhares profundos, que, buscam em detalhes, conhecer, compreender e analisar a cidade.

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé; a esquina recebe despachos e ebós, e assim por diante. Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante. (MAGNANI, 2008, 38-39)

Nos percursos que fazemos pelas cidades, observamos uma pluralidade de cenários e características únicas, que assinalam a identidade de cada região. Ao mesmo tempo em que na região metropolitana do estado podemos perceber de um lado comunidades onde a maioria das pessoas vive em condições absolutamente precárias, do outro, percebemos o oposto. A capital é diversificada, nela encontramos quase 50% dos

¹ “Faltaria agora qualificar esse agenciamento de campo – defini-lo, singularizá-lo, indicando o que está envolvido nesse caso, , mostrando de que tipo de agenciamento se trata. (...) No campo estamos sempre às voltas com estrangeirismos e com a experiência de distanciar-se, nesse sentido complexo de distância como transformação e inquietação. Outra singularidade dos agenciamentos de campo é que envolvem um investimento particular no aspecto de produção coletiva. Como temos visto, é preciso tomar toda a pluralidade de vozes e presenças para entender o que é trabalho de campo, e para realiza-lo.” (CAIAFA, 2007,153)



museus do estado e cada um conta uma parte da história da cidade, guardando sua memória para quem quiser conhecê-la. Assim parte a metodologia da nossa pesquisa:

partimos da noção de que os museus do Rio de Janeiro são signos de múltiplas narrativas sobre si mesmos e sobre o espaço onde se inserem. Por outro lado, estas narrativas revelam um aspecto extremamente fragmentário. São como ruínas no sentido atribuído por Walter Benjamin, sinais de mundos já desaparecidos. Todas as tentativas de estabelecer grandes narrativas que os interligassem em algum sistema comum parecem ter fracassado. (ABREU, *mimeo*)

Deste modo, percebemos na metrópole museus conhecidos e mais tradicionais como o Museu Nacional e o Museu Histórico Nacional, ou museus que trazem para o cenário oficial da história da cidade uma memória subterrânea², como o Museu do Índio em Botafogo. Ainda na região metropolitana, temos em Niterói o Museu de Arqueologia de Itaipu que também evidencia uma história e uma memória indígena e de sambaqueiros, o Museu de Arte Contemporânea, que em sua própria estrutura física já mostra seu diferencial. Temos ainda na Baixada Fluminense o Museu Vivo do São Bento, um museu criado por um grupo de professores que apresenta como a história do Brasil aconteceu neste local, ilustrando diversas épocas.

Ainda bem próximo a região metropolitana, podemos subir a serra até a região serrana que abriga a Cidade Imperial: Petrópolis. Uma cidade em que a cada passo percebemos vestígios dessa importante época da história do Brasil e que é muito bem relatada no Museu Imperial. Para complementar podemos visitar ainda o Museu Casa de Santos Dumont e o Museu Casa do Colono.

Seguindo nossa viagem pelo estado podemos parar no noroeste fluminense e perceber nas cidades de Campos e Macaé e a vocação pelos museus que são na verdade solares que mostram que essas cidades

...testemunharam os primeiros aldeamentos indígenas, as missões jesuíticas, os ciclos econômicos da cana de açúcar, da transformação da cultura canavieira para a cultura cafeeira e depois para pastos de gado e que agora observam atônitos a transformação da região pela força do petróleo e do pré-sal. São prédios imponentes que abrigaram

² POLLAK, M. "Memória, Esquecimento, Silêncio" In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.



originalmente corporações de jesuítas que ali fizeram as primeiras fábricas e empresas lucrativas do país. (ABREU, *mimeo*)

Ainda navegamos por um percurso na Costa Verde, onde vimos em Paraty e Angra dos Reis a importância dos Museus de Arte Sacra. Paraty, que é uma cidade que por si só pode ser considerada um museu por suas edificações históricas, suas pedras, seus vestígios e, principalmente, seu diálogo com os museus de Arte de Sacra, pois nas festas, os objetos dos museus saem e percorrem a cidade. É uma tendência diferente da ideia de outros museus onde os objetos são intocáveis. Angra dos Reis é uma cidade um tanto curiosa. Restaram poucos prédios históricos após uma reforma urbana de um prefeito da cidade que queria que a cidade crescesse ao invés de ser tombada assim como Paraty. Dessa forma, esses poucos prédios históricos que restaram quase desaparecem diante dos grandes blocos de concreto construídos na contemporaneidade. Um dos prédios restantes é a Igreja que abriga o Museu de Arte Sacra da cidade, o qual luta para manter algumas tradições religiosas, como as procissões em que os objetos saem do museu e percorrem a cidade, assim como em Paraty. Finalizando esse percurso encontramos em Mangaratiba um museu que nada tem de religioso: é o Museu das Conchas o qual abriga uma coleção de toda a vida de um apaixonado pelo mar.

Já a região do Médio Paraíba além de ser fundamental para nos contar a história do café, guarda a delícia de apreciar as tradicionais serenatas de Conservatória. A rotina da cidade está voltada para receber turistas que querem apreciar a música de tradicionais seresteiros. Nos finais de semana as serenatas percorrem a cidade e fazem a alegria de quem passa. E é nesse sentido que se inserem os museus da cidade, em homenagem a grandes compositores: Museu Vicente Celestino e Gilda de Abreu, Museu Nelson Gonçalves, Museu Silvio Caldas, Museu da Seresta e da Serenata entre outros. É uma cidade em que podemos apreciar as serenatas e sentir o gosto e o cheiro do café que fazem parte da história e da memória local.

Há ainda o Centro-Sul fluminense que abriga o Museu da Cachaça, um museu que tem seu diferencial pela paixão de um aviador que colecionava rótulos de cachaça. Nesta região, os barões do café também se fizeram presentes: diversas fazendas estão na região e estão abertas para quem quiser conhecer uma Casa Grande ou uma Senzala.

Em nossas viagens encontramos também dificuldades e características indenitárias preocupantes. Enquanto a região metropolitana abriga quase 50% dos



museus do estado, a região norte fluminense é caracterizada pela ausência de museus. A principal questão que nos fazemos quando nos deparamos com esses dados é: Por que essa ausência de museus na região? Sabemos que é uma região afastada da metrópole, mas queremos saber como é o incentivo a cultura nessa região, afinal, todos tem o direito a cultura, ao conhecimento, a valorizar o local em que vivem; papel que os museus muitas vezes podem exercer. Desse modo, a grande questão que fica para pensarmos é: O que este projeto, desenvolvido por um programa de pós-graduação de uma universidade federal em parceria com o instituto Brasileiro de Museus pode fazer para modificar essa realidade? Será que a população e os governantes querem modificar essa realidade da região?

Se toda pesquisa deveria envolver uma dificuldade, o que é específico da pesquisa etnográfica é que esta é trazida para o dia-a-dia e vivenciada pelo pesquisador. É em certa medida uma vida estranha que se constrói, no sentido de que algo se desencaixa do padrão do reconhecimento. E essa construção reúne necessariamente outras experiências, é uma vivência de outros também, envolvendo diferentes afetos e percepções presentes no campo e que o texto etnográfico busca expressar. (CAIAFA, 2007,148)

Para finalizar nossos percursos, paramos na região da Costa do Sol que abriga variados museus, cada um com sua importância e história. Podemos iniciar citando mais museus que valorizam a história indígena, tais como o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba ou o Museu de Arqueologia de Araruama. Museus mais tradicionais como o Museu de Arte Sacra e Religiosa de Cabo Frio, ou museus mais característicos como o Museu do Surf também localizado em Cabo Frio ou o Museu Oceanográfico de Arraial do Cabo.

Fazer a etnografia dos percursos em museus tem possibilitado que ecoem múltiplas vozes. Os museus são espaços com muitas camadas estratigráficas, que não raro são contraditórias. No caminho da cidade do Rio de Janeiro para a cidade de Araruama na Costa do Sol, um museu apresenta à primeira vista a memória de uma fazenda de café com vestígios do que outrora foi uma casa grande. Na parte de trás, há alguns fragmentos do que teria sido uma senzala. Mas, a grande surpresa é encontrar neste mesmo espaço ossadas e conchas encontradas numa escavação, deixando visível a memória dos sambaquieiros, povos antigos que viveram no Brasil antes do tupi. A memória é assim. Não tem fim. Por debaixo de uma camada tem outra e outra e outra e mais outra. Memórias que nem sempre se encontram



ou se combinam. Memórias que por vezes se contrastam, se enfrentam, se contradizem. O território das memórias não é um território apaziguado, pelo contrário, constitui um campo de disputas e tensões. Não é tudo que fica. Como assinalou Pierre Bourdieu, o campo da memória é um campo de forças. Algumas se agenciam. Algumas se contrapõem. (ABREU, *mimeo*)

Desta forma finalizamos nossos percursos cientes de que as cidades visitadas são dinâmicas e possuem características únicas. Foi importante deixar-nos “impregnar pelos estímulos sensoriais durante o percurso” (MAGNANI, 2008: 37), sobretudo por termos narradores diversificados e, algumas vezes, múltiplos narradores em um único museu que muitas vezes nos levaram muito além do que imaginávamos: nos tiraram unicamente de dentro da instituição museu e nos levaram em percursos pelas cidades a partir das histórias que os museus contam e das memórias que guardam.

OS ÍNDIOS E O RIO: UM PERCURSO POSSÍVEL PARA VALORIZAÇÃO DE MEMÓRIAS

Durante os percursos realizados para o desenvolvimento do projeto, percebemos que alguns museus do estado tinham uma grande preocupação em valorizar a memória indígena do Rio de Janeiro através de exposições, imagens e a preservação de sambaquis³. Foi possível observar a criação de novos museus arqueológicos e históricos onde a presença indígena no Estado é enfatizada, movimentos pela preservação de sambaquis ou mesmo a ressignificação de antigos museus e centros culturais. Sendo assim, pretendo apresentar aqui um possível percurso de museus que mescla algumas regiões do estado, interligando características, histórias e memórias. Então, é importante acerca de cinco experiências: o movimento de defesa de sambaqui recém-descoberto no museu Vivo do São Bento em Duque de Caxias; o museu do Índio, focando tanto a ocupação do antigo Casarão no bairro Maracanã quanto as propostas do atual museu

³“Sambaqui é uma palavra de etimologia Tupi, língua falada pelos horticultores e ceramistas que ocupavam parte significativa da costa brasileira quando os europeus iniciaram a colonização. (...) Os sítios são caracterizados basicamente por serem uma elevação de forma arredondada que, em algumas regiões do Brasil, chega a ter mais de 30 de altura. São construídos basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixe e mamíferos. Ocorrem também frutos e sementes, sendo que determinadas áreas dos sítios foram espaços dedicados ao ritual funerário e lá foram sepultados homens, mulheres e crianças de diferentes idades.” (Gaspar, 2004: 09)



localizado em Botafogo; o museu de Arqueologia de Itaipu; o museu arqueológico de Araruama e o museu arqueológico Sambaqui da Tarioba em Rio das Ostras.

Vamos iniciar nosso percurso no Museu Vivo do São Bento localizado em Duque de Caxias. Quem decide visitar esse museu é recepcionado por um grupo de professores de História que fazem parte do Centro de Referência e Patrimônio Histórico da Cidade e do Centro de Pesquisa em Memória e História da Educação da Baixada Fluminense da Cidade de Duque de Caxias.

No âmbito desses centros está o Museu Vivo do São Bento o qual não é apenas um espaço para a realização de exposições, mas também, é um conjunto de construções históricas que compõem a região. Além disso, é possível localizar no percurso vestígios da presença de diferentes grupos que viveram no local entre os séculos XVII e XIX, tais como: sambaquieiros, grupos Tupinambá, ocupação lusitana e resistência quilombola.

Outro vestígio de ocupação de povos indígenas e sambaquieiros está situado no Sítio Arqueológico encontrado na região. O proprietário do terreno em que o sítio foi encontrado estava reloteando o espaço e vendendo-o. Por sua vez, os compradores estavam construindo suas residências em cima do sítio arqueológico, fazendo com que desaparecesse. Em 2005 o grupo de professores tentou fazer com que o governo retirasse ou remanejasse as pessoas do local, mas não conseguiram, então, os professores que visitavam as terras sugeriram criar uma campanha “SOS Sambaqui do São Bento”. A campanha foi realizada e conseguiram comprar dois terrenos com a contribuição de professores, alunos e sindicatos. No entanto, ainda assim, os terrenos sofrem muita degradação com a ação das pessoas que vivem nos terrenos vizinhos.

Além dos vestígios através dos sambaquis, a presença indígena está relatada também nos vários documentos adquiridos pelos professores-pesquisadores que descobriram que muitos desses indígenas chegaram a trabalhar como capatazes, como administradores e que foram realizados muitos casamentos entre índios e escravos.

Este museu é um exemplo de luta e força de vontade de revalorizar a memória indígena na região, mas, principalmente, de preservar a memória, a história e o patrimônio local, conquistando cada vez mais espaço e interferindo nas políticas públicas do município.

Atravessando a Avenida Brasil e percorrendo a Perimetral e o Aterro do Flamengo até chegar em Botafogo, encontramos o Museu do Índio. Este museu foi



criado por Darcy Ribeiro em 1953 no bairro do Maracanã. Em 1978 o prédio foi desativado e o museu foi transferido para a Rua das Palmeiras no bairro de Botafogo, endereço que abriga o museu até hoje. O atual prédio do Museu do Índio foi construído por João Rodrigues Teixeira, empresário da indústria alimentícia do Rio de Janeiro para sua residência no século XIX. O prédio é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e sua construção é um exemplar arquitetônico bastante representativo do período de urbanização do bairro.

O museu é uma Instituição governamental que possui uma proposta de trabalho baseada na parceria com os povos indígenas. Além das exposições realizadas pelo museu, os visitantes podem contar também com ricos acervos: o acervo bibliográfico na Biblioteca Marechal Rondon, o acervo etnográfico, o acervo audiovisual e o acervo textual. Além disso, o museu tem adotado novas formas de fazer contato com o público, disponibilizando informações pela internet, criando espaços alternativos de exposição como o Muro do Museu que sempre abriga uma exposição fotográfica e enfatizando o trabalho com as crianças.

Mas e o antigo prédio do museu, como ficou? No dia 20 de outubro de 2006 – mês de resistência dos povos Indígenas das Américas – cerca de trinta e cinco representantes de dezessete etnias indígenas ocuparam o casarão que estava em ruínas e sob responsabilidade do Ministério da Agricultura. Na ocasião, o grupo reivindicava a recuperação, posse e administração do espaço e afirmavam que deixariam o local somente se o governo federal se manifestasse favorável a proposta.

Pouco mais de três anos se passaram e os grupos indígenas permanecem no local que transformaram em uma espécie de aldeia urbana. O local tem servido como ponto de apoio aos indígenas que saem de seus grupos e mudam-se para a cidade buscando, principalmente, melhores oportunidades de educação e independência financeira. Mesmo após esses anos as questões com o Ministério da Agricultura e o Governo Federal ainda foram resolvidas: os grupos indígenas que vivem no local continuam exigindo a posse definitiva do local e objetivam ter um espaço genuinamente indígena, transformando-o em uma Universidade Indígena que seria administrada pelos próprios Indígenas. A ocupação não conta também com o apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai) e seus ocupantes sobrevivem trabalhando com artesanato e ministrando cursos de cultura indígena.



Atravessando a Ponte Rio-Niterói e percorrendo essa outra cidade, chegamos ao Museu de Arqueologia de Itaipu. A Instituição, uma construção do século XVIII, foi fundada em 1716. Era um Recolhimento para mulheres chamado Recolhimento de Santa Tereza e as primeiras chegaram em 1764. Eram mulheres que se recolhiam nesta Instituição para pagar algum tipo de culpa. Funcionou até as primeiras décadas do século XIX, período o qual inicia um processo de decadência e acaba se tornando um asilo para menores. Em 1830 o prédio foi abandonado e se iniciou um processo de ruína.

No início do século XX os moradores da colônia de pescadores passaram a habitar o espaço onde funcionava o Recolhimento construindo pequenas casas. Sendo assim, partiu da própria colônia de pescadores da região o pedido de tombamento do local em 1940. O processo de tombamento foi finalizado em 1955 quando o prédio foi escrito no livro de tomo de Belas Artes e as famílias que viviam no local foram retiradas. Não houve nenhum tipo de problema nem conflito na ocasião e as famílias passaram a viver no entorno do prédio.

Sendo assim, o prédio fica tombado e tem-se o projeto de criar um Museu de Arqueologia considerando os sítios arqueológicos da região sendo concretizado em 1977 quando o prédio virou museu.

Como o museu surgiu a partir de um movimento social, é importante que haja uma conexão com a história da região. Sendo assim, o intuito para as próximas atividades desta instituição é trabalhar não apenas com a ocupação pré-histórica, mas a ocupação da região de uma forma geral. A equipe quer com essa nova exposição construir uma memória local, do prédio histórico, da formação do acervo, da criação do museu, do contato com a colônia, da participação da colônia no processo de tombamento, no processo de construção do acervo entre outros fatores.

Seguindo pelo nosso percurso de Niterói até a Costa do Sol, encontramos o Museu Arqueológico de Araruama localizado na Rodovia RJ 124 Km 27 e é abrigado em uma casa colonial, uma fazenda de café fundada em 1862. Foi fundada por um português que veio para o Brasil chamado Francisco Pereira da Costa Vieira que permaneceu pouco tempo no local.

O museu mostra um pouco a história do café e um pouco da história dos povos indígenas, contando sobretudo de três grupos que viviam na região: os Sambaqui



(Saquarema), os Goitacá (Campos) e Tupinambá (Araruama). É importante ressaltar que não existem objetos expostos e sim quadros explicativos, com fotos dos objetos e dos grupos indígenas, além das escavações realizadas nos sítios arqueológicos da região. Ressalto que apesar de não haverem objetos é um museu muito bem organizado.

Toda a área foi adquirida pelo Governo Municipal que instalou o complexo Cultural e Educacional Leonel de Moura Brizola composto por uma unidade de ensino de tempo integral, uma capela e o museu. É um complexo que faz parte da Prefeitura de Araruama. Tem uma Escola Municipal que funciona em horário Integral, possui 268 alunos do pré-escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental I. É um Projeto de Turismo Cultural que não termina no museu, continua em Morro Grande no 2º Distrito como área de pesquisa arqueológica. Na Escola Municipal Honorino Coutinho foi construída uma oca Tupinambá, réplica de uma oca indígena, aliás, o Estudo da Cultura Tupinambá foi inserido na Grade Curricular da escola.

Para finalizar nosso percurso seguimos para Rio das Ostras até o Museu Arqueológico Sambaqui da Tarioba. A casa onde está situado o Museu pertence a Fundação Rio das Ostras de Cultura que é uma autarquia da Prefeitura de Rio das Ostras.

A Fundação Rio das Ostras de Cultura foi criada em 1994 após a emancipação do Município e a sede passou a ser nesta casa. É importante ressaltar que o museu está em processo de tombamento pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

É um dos poucos museus de arqueologia “in situ” do Brasil, ou seja, o material que está exposto permanece da forma como foi encontrado. O Sítio Arqueológico foi descoberto por acaso. Seria construído um palco e os camarins de um Teatro ao ar livre nos fundos da Casa de Cultura e, com as escavações, o sítio foi encontrado.

Na área das escavações pudemos observar que os arqueólogos dividiram o local em quadrantes e cavam o centro destes e analisando o material encontrando e dependendo do que aparecer, aumentam o perímetro. Deixaram alguns quadrantes mais altos para mostrar o tamanho das cascas de Ostras que são muito grandes. No local, existem cinco camadas estratigráficas e a areia encontrada no fundo é parecida com a areia da praia. A argila encontrada foi trazida de outros lugares. Explica que foi



contatado que o povo que habitou o local conhecia o fogo, pois foram encontrados vestígios de fogueira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de campo é talvez o aspecto mais marcante e definidor da pesquisa etnográfica que se desenvolveu no âmbito da antropologia. Dirigir-se a um lugar, ficar, deter-se ali, construir uma vida, mesmo que provisoriamente, entre aqueles sobre quem se vai escrever, cultivar um dia-a-dia com eles, participar em parte do que se observa e se quer elucidar, têm sido atividades inseparáveis do empreendimento etnográfico. (CAIAFA, 2007, 148)

Contemporaneamente, os museus constituem instrumentos de transformação social e desenvolvimento, por sua atuação de preservação da memória e difusão da cultura (local, nacional e universal), e também por suas múltiplas interfaces no âmbito da sociedade. Particularmente no Estado do Rio de Janeiro, é crescente a potencialidade dos museus como estratégias econômicas, políticas e sociais de desenvolvimento e auto-sustentabilidade.

Com o complexo processo de mudanças na sociedade contemporânea, várias questões relativas às “memórias subterrâneas” precisam ser analisadas – particularmente, as indígenas. As memórias subterrâneas conquistaram mais espaço no cenário nacional e como afirma Michael Pollak (1992, 03), “... *uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa de memória...*”.

Este trabalho faz com que possamos vivenciar a experiência do viajante que percorre as cidades em busca de pai, talvez, como diz Deleuze. Entendo que a experiência do trabalho de campo, e, principalmente, de atuar na metodologia da etnografia dos percursos é enriquecedora e, acredito que, o pai que encontramos nessa experiência, é a multiplicidade de informações e identidades das cidades e dos percursos visitados que contam um pouco a história do estado do Rio de Janeiro e da Cidade Maravilhosa em suas diferenças.



REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus: notas sobre a etnografia dos percursos*. 2009(mimeo)

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3.ed. São Paulo: editora brasiliense, 1994. (1ª Ed. 1989)

_____. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze: Transcrição Integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos*.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os Museus e a Cidade. *In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (org.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lílian de Lucca (orgs.). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1992. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.



VÍDEOS

Acervo do Projeto Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro.

Museu Vivo do São Bento: Fita 9z/A; Fita 6z/B; Fita 6z/C

Niterói: Fita 6x/D; Fita 6x/E; Fita 6x/F; Fita 6x/Z

Baixadas Litorâneas: Fita 4A - Costa do Sol; Fita 4B - Costa do Sol; Fita 4C- Costa do Sol; Fita 4D - Costa do Sol